

## CIDADE E MODA - OS ESPAÇOS DE SOCIABILIDADE FEMININA

Juscelina Bárbara Anjos Matos  
babimatos@yahoo.com.br  
*Mestranda em Cultura Visual – FAV/UFG*

Miriam da Costa Manso M. de Mendonça  
mcostamanso@uol.com.br  
*Professora FAV/UFG*

### RESUMO

O objetivo do presente artigo é mostrar como o aumento dos espaços de sociabilidade em Vitória da Conquista – BA contribuiu para uma maior preocupação das mulheres com a aparência visual e a moda a partir da década de 1950. A análise apresentada foi formulada com base na pesquisa com imagem e narrativas orais.

**Palavras-chave:** Moda; Cidade; Sociabilidade Feminina

### ABSTRACT

The objective of this work is to show how the increase in spaces of sociability in Vitória da Conquista - BA contributed to women's greater concern with the visual appearance and fashion from the 1950s. The analysis was made based on research with image and oral narratives.

**Keywords:** Fashion; City; Women Sociability

A crescente urbanização de Vitória da Conquista ampliou os espaços de sociabilidade e, conseqüentemente, a presença feminina na vida cidadina. As mulheres ganharam cada vez mais lugar na vida pública, na medida em que os espaços sociais não mais se restringiam aos eventos religiosos e familiares. As formulações apresentadas sobre os hábitos cotidianos das conquistenses em meados do século passado foram delineadas com base na pesquisas com imagens e narrativas orais.

O incremento na vida cultural da cidade foi possibilitado a partir da construção de praças, clubes e da diversificação do comércio. A presença feminina ocupando postos de trabalho, para além das ocupações domésticas, impulsionou a sua

participação no espaço público intensificando a preocupação com a aparência visual e ampliando o interesse por itens de moda.

Simmel, em obra citada por Wilson, explica com propriedade a relação moda e cidade quando diz que “as relações interpessoais nas cidades grandes distinguem-se por uma preponderância marcada da atividade dos olhos sobre os ouvidos” (SIMMEL *apud* WILSON, 1985, p. 184). Desta forma, podemos afirmar que aumenta a preocupação com aparência nas cidades, pois os indivíduos têm uma necessidade maior de se darem a ver.

Antes de prosseguirmos, é preciso fazer uma ressalva na medida em que nos apropriamos de uma análise de Simmel: o autor escreveu sobre a relação da moda com vida citadina a partir da observação de Paris que, no final do século XIX, já se constituía numa grande metrópole com toda a sua complexidade. Ao transpormos suas análises para nos ajudar a compreender essa relação em Vitória da Conquista é necessário lembrar que esta não era o que chamaríamos de cidade grande. No entanto, o status de centro de referência na região, para onde convergiam muitas pessoas, o que conferiu a ela o título de “capital do sudoeste baiano”, permite que façamos esta analogia. Mas o que importa sublinhar das contribuições de Simmel, é que a possibilidade do exercício do olhar, do observar o outro, só é possível com a intensificação da vida social e constante circulação de pessoas. Neste sentido, o indivíduo perdido na multidão anônima da cidade tem no jogo das aparências o recurso principal para se distinguir, conferindo ao vestuário ainda mais uma importância simbólica. Como diz Wilson,

O vestuário urbano passou a estar cheio de indícios expressivos, que subvertiam o seu anonimato, porque era ainda importante, ou mesmo mais importante, mostrar ao mundo que gênero de pessoa se era, e ter a possibilidade de interpretar pelo menos alguns dos mesmos indícios no vestuário dos outros (1985, p.185).

Como apresenta a autora, a roupa e a moda se apresentam aqui como instrumento importante para identificar e disfarçar posições de classe. “O indivíduo era cada vez mais aquilo que vestia” (WILSON, 1985, p.185).

Ainda sobre a relação da moda com a vida citadina, Wilson, fundamentada no pensamento do sociólogo Simmel, diz que a personalidade e o ego desenvolveram-se quando homens e mulheres se movimentaram em círculos sociais mais amplos, e a “fricção constante do eu com um monte de sensações e com outras

personalidades gerava [...] uma consciência mais forte da própria subjetividade” (1985, p.186). Segundo a autora, no espaço urbano o indivíduo em constante contato com seus pares sobrevive através da manipulação do eu. Neste contexto, a moda é elemento fundamental de apresentação pessoal e composição da aparência. Com base nessas formulações e no quadro social apresentado de Vitória da Conquista podemos afirmar que a partir desse momento a cidade passou a viver sob o regime da moda.

As lembranças compartilhadas dos espaços de sociabilidade povoam as narrativas das mulheres entrevistadas, mostrando a preocupação com a aparência, com estar na moda e como isso se entrelaça com as práticas cotidianas. Esses depoimentos compõem uma memória espacial agregando aspectos de suas vidas em sociedade. São imagens de ruas, praças, cinema, clubes, espaços públicos e privados vivenciados no passado e presentes no ato de recordar. Halbwachs (1990) nos seus escritos sobre particularidades do funcionamento da memória diz que não existe recordação que não se desenvolva num dentro de um quadro espacial.

Marilene Bacelar refere-se à praça Jardim das Borboletas como ponto de encontro da juventude local:

O jardim que se chamava Jardim das Borboletas. Era lindo, lindo, lindo! Tinha a curvinha do amor, ali do lado da galeria Itambiá. Nessa curva o terreno ficava mais alto e a gente sentava ali em volta, sentava um bocado de mocinhas. A gente ficava sentada e os rapazes passando. Depois que acabou a curvinha, eles colocaram os bancos. Aí era ao contrário os rapazes ficavam sentados e as moças passeando. Tinha, também, ringue de patinação, eu fui campeã de patinação, tinha um viveiro enorme de pássaros. Tinha um bocado de coisa. Era um ambiente muito gostoso.

O jardim ficava no centro da cidade, localizada na praça da igreja matriz. Antes se chamava Praça da República, ganhando o nome de Jardim das Borboletas em meados da década de 1950, quando foi totalmente reformada, ganhando novos espaços como parque infantil e um mini-zoológico.

A grande maioria do acervo de imagens localizado compõe-se de fotografias de anônimos o que dificulta a identificação do período exato em que foram registradas. A justaposição com outras imagens, tentando montar uma seqüência temporal, faz com que possamos deduzir que a imagem acima, é um registro, provavelmente, do final dos anos 50 ou início dos anos 60. O que importa é mostrar, entretanto, a importância do local como um espaço de sociabilidade para os

cidadinos. Leite (2001) chama a atenção para a necessidade de se ter um volume de imagens suficiente, para que seja organizado numa seqüência temporal e a partir daí possam ser percebidas as transformações na visualidade. “As mudanças ou o prolongamento do mundo visível só podem ser obtidos pela justaposição de diversas imagens sobre a mesma questão, tomadas em momentos diferentes” (2001, p. 41). Assim, a partir de uma coleção expressiva de imagens fotográficas é possível fazer a reconstrução do passado, do instante imortalizado que, embora não possa voltar, faz-se para sempre presente.



**Figura 1** – Marisa Correia no Jardim das Borboletas, 1963.  
Acervo Museu Regional

A diretora do Museu Regional, Marisa Correia, também compartilha da construção narrativa dessas imagens ao relembrar, como era o namoro da época. Ela lembra

que muitos casais ficavam na varanda da casa de seu tio, localizada em frente ao Jardim das Borboletas. Segundo ela, os tios gostavam muito de jogar buraco e as janelas da casa ficavam abertas, as luzes acesas e os casais do lado de fora, batendo papo. Marisa lembra que nessa época o namoro se tornou mais elástico e os casais podiam se encontrar com certa liberdade.

Tinha na chamada curvinha do amor, é aquela elevação que tem ali no jardim, ali descendo. Ali os casais ficavam e, também, nos banquinhos do jardim. Como aqui tinha o sistema de faltar energia - a energia era alternada [...]. Então nesses dias os casais normalmente se reuniam na casa de alguém conhecido, de Albano Flores, de D. Jaci, naquela casa onde hoje funciona um estacionamento, do lado da Igreja, perto da Prefeitura. Ali tinha uma casa também que com muitos jovens, reunia muita gente ali ou então aqui na casa de Tio Nando. Era sempre assim, casas de famílias conhecidas. Era sempre aqui na praça. À noite a gente fazia seresta, noite de lua, [...] reunia todo mundo no jardim, em volta dos banquinhos até 10h da noite, quando era hora de todo mundo voltar pra casa.

Marisa Correia se recorda ainda do ritual de beleza, de composição visual das jovens para fazer o *footing*, passeios no final da tarde.

Então de manhã a gente saía de havaiana, de bobé no cabelo com lenço amarrado. Era muito ridículo! Botava o bobé, se arrumava e, se tinha que ir à rua, botava o lenço. Para poder fazer o penteado e a tarde aparecer linda e maravilhosa na passarela [...] Aí à tarde tomava um banho, soltava o cabelo, tirava os bobés, fazia um penteado, colocava bastante laquê, deixava o cabelo bem armado para o vento não desarrumar; vestia uma roupa melhor, mais na moda, que destacasse mais, meia fina, sapato alto, carteira, bolsinha comprida e luva. Sapato, carteira e luva combinando. Às vezes não se calçava a luva, mas segurava a luva junto.

Sobre o *footing* cabe destacar que esta era uma prática cotidiana que consistia em passeios nas praças e outros pontos da cidade, onde moças e rapazes saíam para ver o movimento, paquerar, olhar as vitrines. Era um hábito comum nas cidades, principalmente, do interior do país. Sobre esta prática Mary Del Priore, em a História do Amor no Brasil, diz: “A praça do Ferreira em Fortaleza, as alamedas de São Paulo, a rua 15 de Novembro em Curitiba, a rua Chile em Salvador, a rua da Praia em Porto Alegre, o Largo do Palácio em Florianópolis, a avenida Rio Branco no Rio de Janeiro, eram as artérias por onde circulavam milhares de homens e mulheres entre o *footing*, e o *flirt*” (2006, p. 277).

Retomando a análise da narrativa apresentada destacamos que toda essa preparação era para, como diz a diretora do Museu, caminhar na alameda Ramiro Santos, subindo e descendo umas quatro ou cinco vezes, parando na confeitaria Araci para tomar um sorvete e, mais tarde, também, na confeitaria Lindoya.

As moças se arrumavam devidamente, sapato alto, meia, bolsa, luva para fazer o *footing* a tarde e chegar até a sorveteria Araci, tomar um sorvete, tomar uma vitamina, tomar uma banana *split*, que eram os ícones da época em torno de guloseimas.

Outra entrevista, Marilene Bacelar, lembra do Candelabro, lanchonete e restaurante que tinha música ao vivo:

Antigamente tinha o Candelabro. Era ali onde é o Culinária e Magia. Aquele pedaço todo ali era uma lanchonete linda. De segunda a sábado lotado, qualquer hora que você chegasse. O horário mais vazio era de manhã, mas à tarde todo mundo tomava banho e ia para rua, fazer compras e passear. Era muito bonita a lanchonete.

Um outro importante espaço de lazer era o cinema que já existia na cidade desde início do século. Nos anos 50 contava com duas casas O Cine Glória e o Cine Teatro Conquista o mais concorrido segundo os relatos. As sessões aconteciam à noite e, no sábado e domingo, durante a tarde também. As moças vestiam seus melhores trajes para dar um passeio e ir à *matinée* do cinema nos finais de semana.

Mas, podemos dizer que o maior centro de congregação das famílias da elite conquistense era a mesmo o Clube Social Conquista, que foi inaugurado em 1945. Segundo comentário publicado no jornal *O Conquistense* (01/01/59): “O Clube Social Conquista constitui uma verdadeira sala de visitas desta boa terra [...]. É o ambiente social desta cidade; é o lugar de reuniões da fina flor da sociedade sudoestina”.

As festas memoráveis realizadas no Clube estão presentes em todas as narrativas das entrevistadas. Além dos eventos que aconteciam em datas comemorativas e as festas particulares, o Clube realizava, nos domingos, as *matinéés* das 15h às 18h, e ocasionalmente bailes à noite, também, como revela o calendário de festas divulgado pela diretoria do Clube nos jornais da cidade.

Com base nos depoimentos e acervo de imagens do Clube Social podemos dizer que havia uma programação intensa que atraía atenção não só a elite local,

mas, também, pessoas de outras localidades. Os eventos realizados não eram abertos a todos, somente sócios e seus convidados podiam freqüentar-los.



**Figura 2** – Losa Tavares com amigos e familiares, anos 60. O pai de Losa era sócio do Clube.

Outras entrevistadas relembram que as pessoas que não eram sócias e não tinham convite assistiam às festas na rua. As janelas ficavam abertas e havia um terreno baldio ao lado do Clube que ficava repleto de gente para observar as festas. Dizia-se que se ia “ao sereno”, segundo os relatos.

Ter um título do Clube Social, ou ser convidado a freqüentar os eventos promovidos significava pertencer a um grupo de status, que não se expressava apenas pelo poder econômico, mas pelo capital simbólico de seus membros. Pertencer a esse grupo seletivo era uma marca de distinção social.

O depoimento de Celeste Rosa também aponta o cinema, a igreja e também o Clube Social como espaço de lazer das moças da sociedade. Demonstra, ainda, a preocupação que se tinha com o vestuário para se freqüentar esses lugares.

A distração da gente, das moças da sociedade, era ir ao cinema. No domingo a gente tinha que ter a roupa pra missa ou pra igreja quem era Batista. Então, o vestido bonitinho de ir pra missa das 9h - a gente ia pra mostrar roupa e ver namorado - e de noite ia pro cinema. À tarde, às vezes, ia para *matinée* no Clube, a gente dançava até 7h. Eu morava ali na praça e o Clube era pertinho, a gente ia a pé. Quando a gente vinha da festa, vinha de sapato na mão, porque o pé tava doendo de tanto dançar. Cada festa era um par de meia. Usava meia fina pra se arrumar, pra ficar elegante tinha

que ser de meia. Eu descia a pé e descalço com os pés doendo de tanto dançar.

A intensificação da vida social com o surgimento desses espaços de lazer e sociabilidade provocou maior circulação de pessoas, requerendo maiores cuidados com a aparência, influenciando, assim, o consumo de moda em Vitória da Conquista. Nos próximos capítulos retomaremos com mais detalhes a esta questão, ao abordarmos a difusão da cultura da aparência na cidade.

### **Referências Bibliográficas:**

HALBAWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.  
Jardim das Borboletas. **Jornal O Conquistense**. Vitória da Conquista, 01/01/1959.  
LEITE, Miriam Moreira. **Retratos de família: leitura da fotografia histórica**. São Paulo: Ed. Da Universidade de São Paulo, 2001. (Texto e Arte; 9).  
PRIORE, Mary Del. **História do amor no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2006.  
WILSON, Elisabeth. **Enfeitada de sonhos**. Lisboa: Edições 70, 1989.

### Depoimentos

Marisa Correia. Entrevista concedida em 23/01/2008.  
Maria Celeste Rosa. Entrevista concedida em 26/01/2008.  
Marilene Bacelar. Entrevista concedida em 15/02/2008.

Juscelina Bárbara Anjos Matos é jornalista, especialista em Memória, História e Historiografia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – Uesb e mestrada em Cultura Visual pela Faculdade de Artes Visuais da UFG.

Miriam Costa Manso M. Mendonça é doutora em Ciências Sociais – PUC/São Paulo; Mestre em Ciências da Comunicação – ECA-USP. Professora dos cursos de Graduação em Design de Moda e do programa de pós-graduação em Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais da UFG.